

**XXVI Encontro Anual da ANPOCS  
Caxambu, 2002**

**Grupo de Trabalho: A Sociedade de Informação**

**Texto: O Terror na Modernidade Técnica**

**Autor: Prof.Dr. Franz Josef Brüseke**

**Instituição de Origem: Universidade Federal de Santa  
Catarina**

**Endereço eletrônico: [franz@floripa.com.br](mailto:franz@floripa.com.br)**

## O Terror na Modernidade Técnica

**Franz Josef Brüseke \***

**Resumo:** No dia onze de setembro de 2001 caíram as duas torres do World Trade Center em Nova York. A probabilidade de um colapso da estrutura das torres gêmeas foi avaliada como tão baixa que os proprietários dos edifícios somente fecharam um seguro para uma das torres. Eles confiaram na necessidade e não conseguiram imaginar que um dia as duas torres iam cair num intervalo de trinta minutos. Pois o conceito da contingência nos diz, que algo é como é, mas também podia ser diferente. Um edifício pode ser o mais alto do mundo, mas também pode ser diferente, uma ruína por exemplo. O caráter contingente da técnica, com sua ambivalência que foge facilmente do controle, contaminou toda época contemporânea da sociedade moderna. Esta, todavia, tenta reagir e aposta na racionalidade da ação para conter interferências que são, do seu ponto de vista, uma ameaça ao projeto da modernidade. Nesta tentativa o mundo ocidental colide com seu próprio princípio fundante, que é a liberdade individual e a contingência de todos os procedimentos científicos e técnicos. O controle não pode admitir que algo podia ser diferente do que nos roteiros da segurança máxima. Pois o controle, na medida em que ele se torna basicamente um problema técnico, muda seu caráter sociológico.

No dia onze de setembro de 2001 fez o mundo, intermediado pelas redes de comunicação, a experiência maciça da contingência da técnica moderna. Essa constatação parece teórica demais para poder caracterizar adequadamente uma tragédia humana, na qual foram mortas mais do que três mil pessoas. Pois logo vamos perceber que o conceito filosófico da contingência desceu do trono da

---

\* Franz Josef Brüseke leciona sociologia na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Contato: [franz@floripa.com.br](mailto:franz@floripa.com.br)

abstração para se tornar realidade, uma realidade que assusta pois ela está no centro da modernidade técnica.

O que aconteceu neste dia de incomum perguntaram alguns que apresentaram estatísticas para relativizar o tamanho da tragédia. Assim Gilberto Dimenstein nos diz o que já sabíamos: em cada mês, morrem no Brasil 7000 pessoas em consequência da violência, será possível, como Dimenstein se expressa, “afirmar que produzimos mensalmente no Brasil pelo menos uma explosão no Pentágono e nas torres do World Trade Center;”<sup>1</sup> morrem, também, no Brasil cerca 50000 mil pessoas em acidentes de trânsito por ano, morrem milhões de seres humanos em todos os cantos do mundo de fome ou por causa de doenças infecciosas oriundas das más condições econômicas. Realmente em termos de números de mortos e quantidade de sofrimento contribui a tragédia de Nova York, Washington e Pensilvânia pouco para o mal-estar no qual a humanidade se encontra.

O dia onze de setembro de 2001 é emblemático sob outros aspectos pois mostra com vigor todo potencial da modernidade técnica. O que vimos de fato quando ligamos neste dia o nosso televisor? De sofrimento humano, lembramo-nos, muito pouco. Algumas sombras de corpos humanos caindo, alguns braços estendidos pelas janelas clamando por socorro. O que foi repetido inúmeras de vezes tornando-se o ícone do desastre terrível de Nova York é exatamente o momento quando o segundo avião bateu na segunda torre do *World Trade Center*. Neste momento vimos nenhum ser humano, escutamos nenhum grito e sabemos somente através da nossa imaginação informada que dentro das caixas elegantes das torres do *WTC* encontram milhares de pessoas, neste momento, a sua morte. A falta da dimensão humana do *crash*, somente recuperada depois de dias de tentativas de reconstruir listas de pessoas perdidas, de ouvir últimas mensagens gravadas em secretárias eletrônicas de familiares etc. é realmente impressionante. Ela não resulta de um defeito moral nosso, da falta de sensibilidade ou de uma

---

<sup>1</sup> Dimenstein, Gilberto (2001) As torres do World Trade Center no Brasil.; em Folha de São Paulo, 23.09.2001

estratégia de comunicação dos canais de televisão, ela é simplesmente característica para a modernidade técnica e suas emergências emblemáticas. (Um acidente de carro no trânsito evidencia essa tecnicidade da sociedade contemporânea, numa escala muito menor, por isso podemos transformar um morto no trânsito, numa tragédia daquela família que perdeu um ente querido; nos mesmos, passando no local do acidente, não temos nada haver com isso, apesar do sangue no chão que nos assusta.)

O que estamos vendo então quando olhamos para os aviões batendo nas torres do WTC? Estamos vendo dois aviões, primeiro um Boeing 767 da *American Airlines* e depois um Boeing 757 da mesma companhia, estamos vendo também as duas torres do *World Trade Center*, com 417 metros, um dos edifícios mais altos do mundo. Tanto o avião como a torre do WTC são artefatos, artefatos técnicos altamente sofisticados, produtos da ciência, da engenharia e da arquitetura moderna. Produtos dos últimos trinta anos do desenvolvimento tecnológico, dos últimos trinta anos de um século que viu mudanças dramáticas nunca vistas antes. Todas essas transformações, interrompidas ou aceleradas por guerras jamais vistas antes, são permeadas pela técnica. Nem a primeira e a segunda guerra mundial seriam pensáveis sem ela, alias o tamanho da catástrofe da segunda guerra mundial não pode ser desvinculado dos avanços na técnica militar da época. Igualmente penetrou a técnica o genocídio anti-semita o que revelam estudos sobre a *fabricação de defuntos* nos campos de concentração nazista. O *holocausto* tinha uma eficácia técnica que transbordou dramaticamente o preconceito antijudeu desde séculos presente nas diversas sociedades (cristãs) da Europa. A banalidade do Mal, da qual Hannah Arendt fala quando analisa o comportamento burocrático do comandante do campo de concentração em Auschwitz, Eichmann, somente aproxima-se do nosso entendimento quando observamos os procedimentos técnicos, regidos pela eficácia da produção moderna, e desvinculados, na consciência dos protagonistas da matança, do terror da sua finalidade.

Igualmente mostra-se, quando o governo dos Estados Unidos decide explodir bombas nucleares acima das cidades Hiroshima e Nagasaki no Japão como a técnica define cada vez mais o campo da devastação. Não têm um equivalente de ódio que corresponde à morte violenta de milhares de pessoas em poucos minutos. E os relatos sobre a reação dos tripulantes dos bombeiros encarregados com essa missão difícil, revelam como a cisão nuclear aplicada à guerra, extrapola os sentimentos e a consciência humana comum. Quando a técnica apropria-se da destruição do outro se extinguem os parâmetros sensíveis. O homem, desde cedo submetido a um processo evolutivo que enfraqueceu fatalmente seus instintos<sup>2</sup>, perde qualquer chance de encontrar limites e orientações comportamentais espontâneos dentro de si (na base de sentimentos elementares como medo, náusea, compaixão, ódio etc.) quando a técnica moderna começa reinar no campo da luta.

O que nos vimos quando a Boeing bateu na torre do WTC? Vimos um avião, igual a estes que já nos carregou de uma cidade para outra no Brasil, pois várias companhias áreas brasileiras usam este tipo de aeronave, fazendo uma curva elegante antes de desaparecer na fachada do *World Trade Center* em Nova York, que nos mostrava uma última vez a sua silhueta conhecida, composta além do WTC por outras edificações gigantescas.

O que nós não vimos foram os rostos dos passageiros no avião, como não vimos os funcionários do prédio que podiam por sua vez, ver por alguns instantes os rostos dos pilotos da Boeing 757, antes de se unir com eles na explosão de 90 000 litros de Querosene<sup>3</sup>.

O que nos diz o conceito da contingência? Ele nos diz: Algo é necessariamente como é mas, também, podia ser diferente. Por causa da necessidade, da validade de regras causais e regularidades que nos expressamos elegantemente nas

---

<sup>2</sup> Arnold Gehlen (1986). *Der Mensch. Seine Natur und seine Stellung in der Welt.* [O Homem. Sua Natureza e sua Posição no Mundo.] Wiesbaden: Aula-Verlag; 1986, 12.ed.

<sup>3</sup> Uma Boeing 767 é construída para levantar vôo com no máximo 91 000 litros de combustível.

chamadas leis naturais, foi possível construir o WTC. Por causa das leis da gravidade, de pesos calculados, das pressões gigantescas contrabalançadas em uma estrutura rígida e elástica ao mesmo tempo, ficou este prédio tanto tempo em pé. A probabilidade de um colapso da estrutura das torres gêmeas foi avaliada como tão baixa que os proprietários dos edifícios somente fecharam um seguro para uma das torres. Eles confiaram na necessidade e não conseguiram imaginar que um dia as duas torres iam cair num intervalo de trinta minutos. Pois o conceito da contingência nos diz, que algo é como é, mas também podia ser diferente. Um edifício pode ser o mais alto do mundo, mas também pode ser diferente, uma ruína por exemplo.

As aeronaves parecem ter uma intimidade maior com a contingência do que um edifício de concreto e aço. Sentimos quando entramos numa Boeing 757 ou 767 a alta improbabilidade de que cerca de 180 toneladas de aço, plástico e querosene e mais algumas de centenas de mamíferos podem levantar vôo como um pássaro. Sabemos que podem e, depois de algumas horas de vôo, começamos acreditar na engenharia moderna e nas leis da natureza. Pois qualquer turbulência nos faz respirar fundo e mostra que os mais sensíveis entre nós ainda sabem que algo é necessariamente como é mas, também, podia ser diferente.

A modernidade técnica e seus adeptos combatem a consciência da contingência com a probabilidade. Eles nos dizem: é mais provável morrer num acidente de trânsito do que numa queda de avião. Aliviado apertamos o sintô e lemos na revista de bordo: o número daqueles que morrem durante uma viagem pelos ares de um problema cardiovascular é maior do que o número daqueles que já morreram por causa da queda de um avião. Esperando de não ter um infarto na próxima turbulência continuamos o nosso vôo que mais uma vez chega pontual ao seu destino.

O edifício fica necessariamente em pé e o avião percorre o céu entre Boston e Chicago. O edifício já está há 28 anos<sup>4</sup> em pé e milhares de aeronaves fizeram o percurso Boston-Chicago sem cair do céu. De repente cruzam-se destinos diferentes, interferem sistemas que não tem compatibilidade um com o outro. É o momento do *crash* com a sua estética absurda, que faz desaparecer a angustia de pessoas frente à morte violenta, pois mantém a fachada elegante até o último milissegundo. O avião desaparece na torre e explode dentro dela. A aeronave voa, necessariamente, e a torre fica em pé, necessariamente. Pois o cruzamento de duas necessidades faz emergir a emergência. Com grande majestade cai aquilo que não podia cair nunca, enterrando milhares de pessoas.

Do caráter contingente da técnica surge a sua capacidade de estimular a fantasia humana de uma maneira inusitada. Tudo parece possível sob a perspectiva técnica quando conhecemos e exploramos as regularidades, i.e. necessidades, contidas na natureza. No laboratório dos químicos desmontamos substâncias compostas de vários elementos. Conhecemos as características destes elementos submetendo-os a uma série de experimentos. Agora podemos percorrer o caminho contrário, podemos criar novas composições que se beneficiam dos nossos conhecimentos coletados cientificamente. Desconstruir aquilo que está à mão e em seguida construir novos artefatos, eis aí a grande paixão da ciência e técnica moderna. Assim torna-se o mundo plástico, dos fatos fazemos arte ou, pelo menos, um mundo artificial. O mundo plástico tem íntima ligação com o mundo transparente, aliás, parece de que a transparência (*glasnost*) precede a transformação (*perestroika*), na psicanálise e na política transformadora, na química e na

---

<sup>4</sup>A primeira torre do *World Trade Center* foi inaugurada em 1972 e a segunda em 1973. Na época o edifício mais alto do mundo o WTC foi superado por várias outras edificações. Hoje os dez edifícios mais altos do mundo são: 1. Torre Nacional do Canadá de Toronto, de 550 metros, a mais alta construção do mundo. 2. e 3. As duas torres gêmeas Petronas, de Kuala Lumpur (Malásia), 452 metros, 88 andares, 1997. 4. Sears Tower, Chicago, 442m, 110 andares, 1974. 5. Torre Jin Mao, Xangai (China), 421m, 88 andares, 1998. 6. World Trade Center I, Nova York, 417m, 110 andares, 1972. 7. World Trade Center II, Nova York, 415m, 110 andares, 1973. 8. Empire State Building, Nova York, 381m, 102 andares, 1931. 9. Central Plaza, Hong Kong (China), 374m, 78 andares, 1992. 10. Banco da China, Hong Kong (China), 369m, 70 andares, 1989. O World Financial Centre em Xangai (China), que deve ser terminado este ano, vai alcançar 460 metros e terá 94 andares. Prevista para ser concluída em 2008, a torre de Katangi na Índia deverá atingir 677 metros de altura com 224 andares.

produção fabril confiamos na potência esclarecedora da nossa razão e somente depois da iluminação radical de todos os elementos e estruturas de um fenômeno complexo, agimos com segurança. Começamos realizar sonhos – que por si só já é algo inédito na história da humanidade – podemos hoje voar mais alto do que os pássaros, mergulhar mais fundo do que os peixes e correr mais rápido do que os cavalos árabes mais velozes. A química nos deu inúmeras receitas para realizar praticamente qualquer forma em qualquer cor e consistência. Moldamos o nosso ambiente de tal maneira que a maioria das pessoas vive em ambientes onde nenhum objeto pode mais ser denominado como natural. Olhamos ao nosso redor: tudo o que nos vemos já passou pela mão do *homo faber*, do grande técnico e artista. Artista? É um artista ambíguo este homem que situa suas obras entre a plástica, a obra de arte, e o plástico, amontoado nos lixões das grandes cidades do nosso planeta.

Pois não, a desconstrução científica precede a construção técnica que, por sua vez, pode ser desconstruída para servir de matéria prima de outras construções, inéditas e mais audaciosas do que as anteriores. A reciclagem dos artefatos com seu tempo de validade vencido está sempre em segundo plano. No primeiro está, sem dúvida, a construção. Hoje construímos tudo e o conceito da construção perdeu a sua simplicidade e solidez como, por exemplo, na denominação construção civil. Hoje construímos até o saber, como dizem alguns pedagogos e construímos o sentido, como dizem alguns psicólogos. Depois de assistir algumas conversas entre casais, que antigamente enamoravam ou brigavam, começamos até acreditar que eles estão em fase da construção de uma relação.

Porque referimo-nos a construção na nossa reflexão sobre o terror na modernidade técnica? A resposta é simples e ao mesmo tempo uma pergunta: não foi o desmoronamento de uma construção, a quinta mais alta do mundo, que matou milhares de pessoas? O que assustou os bilhões de telespectadores não foi a morte inesperada de um marido ou uma irmã que trabalhava no WTC. O que assustou os espectadores a distância, os telespectadores, foi a queda inesperada de



uma das construções mais audaciosas que a humanidade já ergueu. Por causa disso colocamos o ataque ao Pentágono, que foi, sob determinados aspectos militares, muito mais importante do que o ataque ao WTC, e a queda do avião na Pensilvânia, depois de uma luta heróica e desesperada entre seqüestradores e passageiros, no segundo e terceiro plano.

Depois da queda das torres do WTC até os menos idiossincráticos sabem: tudo é possível! Tudo é como é, mas também, podia ser diferente. A contingência tornou-se com este trágico evento, uma experiência completa da modernidade técnica: não há construção sem desconstrução. E ainda mais; parece que a fantasia *holliwoodiana* têm muito mais a ver com a realidade do que nos pensávamos. A plasticidade da nossa fantasia espelha-se no caráter plástico da modernidade técnica. Parece que perdemos cada vez mais a clara distinção entre sonho e realidade, ou melhor entre pesadelo e realidade. Um crítico de cinema captou bem essa situação, ele disse: parece que estamos assistindo um desses filmes onde os dinossauros descem da tela e começam invadir a platéia atônita. O que vamos assistir ainda: ataques com carro bombas equipados com ogivas nucleares, cuja realização não é tão difícil assim. Ataques com frascos de germes da peste bubônica? Ataques com gases letais em *shopping centers* ou estações de metrô? Uma vez ultrapassado o *Rubico*<sup>5</sup> da modernidade técnica, i.e. o limite máximo dos escrúpulos do agir sob condições modernas, temos que contar com tudo.

O plástico, o fantástico, o virtual e o reciclável são características da modernidade técnica, eles são contrapostos ou evoluções da plástica artística (o plástico), do sonho dos que dormem e da loucura (o fantástico), da *mimesis* ritual de acontecimentos reais ou imaginados (o virtual) e finalmente do eterno retorno (o reciclável). Essa contraposição ou evolução se livrou passo a passo das entranhas sócio-culturais e acontece hoje em vastas partes do mundo num ambiente livre de valores. Quando a modernidade torna-se técnica e livra-se dos valores, ela começa

---

<sup>5</sup> O Rubico formava nos tempos de Sulla a fronteira entre Iatlia e Gallia Cisalpina. Quando César ultrapassou em 11.1.49 antes de Cr. o Rubico, começou a guerra civil.

evidenciar a sua essência. Essa não é iluminista como muitos autores, europeus ou não, acham, extrapolando desta forma a própria singularidade cultural como se este fosse uma necessidade histórica ou um padrão para o desenvolvimento global. As instituições modernas na base do Estado de direito, os direitos humanos com o conceito da dignidade e autonomia do cidadão no centro são especificidades do caminho europeu e norte-americano da modernidade. Hoje, sob condições da globalização, compartilhamos a modernidade técnica, mas não a cultura política que surgiu junto com a modernidade técnica na Europa e na América.

O atentado em Nova York, Washington e Pensilvânia nos mostra também isso: o curto circuito entre agentes sociais oriundos de diferentes culturas na base da técnica. Alguns queriam ver o início de uma guerra das civilizações, uma retomada das cruzadas, ou uma guerra entre o islamismo e o cristianismo. Na verdade sabemos muito bem, que nada disso está acontecendo. Lembramo-nos por instantes das características de conflitos religiosos violentos: aí morreram monges e freiras nas fogueiras por que não queriam acreditar na virgindade da Virgem Maria. Em conflitos religiosos violentos se opunha um dogma religioso ao outro quando, por exemplo, alguns não queriam ver em Cristo o filho de Deus, ou colocavam novos profetas do lado dele ou simplesmente não queriam ver no Papa o representante de Deus na terra.. Todas essas discordâncias e dissidências doutrinárias, além de muitos outros, têm um conteúdo claramente religioso que está na raiz de centenas de conflitos violentos na Europa, Ásia e África. Cadê a mensagem religiosa (!) do atentado ao World Trade Center em Nova York? Alguém deixou pelo menos uma notícia nos dizendo que seis milhares de pessoas foram mortas para louvar o Senhor ou para propagar o nome de Alah? Não têm um mínimo de vestígio de uma tentativa de conversão por lado dos sequestradores nem antes, nem durante e nem depois dos seqüestros. Não existe nenhum testamento deixado para os sobreviventes, nem um novo nem um velho, não têm mensagem e não têm sentido.

Por causa da ausência de sentido dos atentados do 11 de setembro muitos não podiam se controlar. Foram responsabilizados no primeiro dia depois da tragédia a direita americana, o serviço secreto de Israel, Síria, Líbia, Coreia do Norte, e por que não, como um repórter da Rede Bandeirantes se expressava, a Inglaterra. Um campo grande para qualquer especulação deixado por atos violentos sem explicação. O que une essas especulações, se esquecermos por momentos a Direita (?) americana, é seu viés antiamericano. Na verdade é somente a investigação policial minuciosa que está nos dando cada vez mais dados e pistas na direção de um bando de delinquentes que depõe sobre toda logística do crime organizado. Ela torna-se perigosa porque mostrou uma versatilidade técnica até então sem precedentes. Muitos já admiravam o PCC, o Primeiro Comando da Capital, quando coordenava em 2001 um levante em várias prisões brasileiros através do uso sistemático de telefones celulares. O grupo terrorista do 11 de setembro era mais sofisticado ainda, ele tinha entre seus integrantes pelo menos quatro pilotos, capazes de dirigir aviões comerciais de grande porte. Ainda sabemos pouco sobre sua logística de apoio em terra e suas ramificações internacionais, mas torna-se cada vez mais evidente o nível técnico alto dessa nova geração de terrorismo.

Como já frisamos em outro lugar<sup>6</sup> podemos distinguir no século vinte principalmente três modelos da modernidade técnica, que eram altamente competitivos entre si. Trata-se primeiro do modelo nacional-socialista, tipo alemão, do modelo comunista (tipo russo) e do modelo democrático (tipo norte-americano). Todos estes modelos colocaram o desenvolvimento técnico no centro do seu projeto, alegando para isso razões distintas que levariam todavia, levado a cabo com êxito, para o mesmo resultado. Destacava a URSS o desenvolvimento das forças produtivas como condição do surgimento de uma sociedade sem classes, promoveram os nacional-socialistas a técnica para afirmar a sua superioridade militar, científica e tecnológica no contexto de um ideário

---

<sup>6</sup> Brüseke, Franz Josef (2001) A Modernidade Técnica.; em: H.R. Leis et al (2001) Modernidade crítica e Modernidade acrítica. Florianópolis: Cidade Futura, p.159-178, (separata revisada)

culturalista e racista, e *last but not least* era para os americanos há tempo o desenvolvimento científico e técnico parte substancial da sua filosofia do progresso e do bem-estar social. Os três parceiros involuntários do projeto da promoção da modernidade técnica não se deram conta das suas qualidades em comum, por causa das diferenças ideológicas, políticas e culturais, que eram realmente gritantes. Pois o que decidiu o destino da versão nacional-socialista da modernidade técnica era exatamente a técnica (e a incorporação consciente da velocidade na estratégia militar, com nos mostra Virílio)<sup>7</sup>. Seduzido por uma superioridade da tecnologia militar da Alemanha em 1938/39, em comparação com as potências européias, arriscou-se este país tentar assumir a liderança: primeiro, segundo seus planos, na Europa e em seguida no mundo inteiro. A racionalidade da dominação do mundo (*Rationalität der Weltbeherrschung*) da qual Wolfgang Schluchter, um atento interprete de Max Weber, fala, encontra sua expressão irônica (ou trágica) na tentativa da Alemanha da época conquistar militarmente o globo. Se quisermos, trata-se de uma forma incipiente da globalização, ora pouco convincente por causa da ideologia excludente que a acompanhava. O modelo nacional-socialista, todavia, não encontrou seus limites, não vamos esquecer isso, nos *argumentos melhores* dos seus adversários (ocidentais). Foi derrotado porque os aliados conseguiram recuperar a sua defasagem tecnológica em cerca dois a três anos, o que possibilitou a vitória militar sobre a Alemanha totalitária. Sem a conquista do espaço aéreo alemão pela *Royal Air Force* da Inglaterra e os bombardeios americanos, na base de uma tecnologia de aviação superior, sem a invenção do radar e seu uso eficiente no combate aos submarinos alemães que dificultavam sensivelmente o apoio técnico que os americanos davam as tropas aliadas lutando na Europa, e sem a produção maciça de tanques de guerra pelos russos e seu uso inteligente nas planícies da Rússia, a Alemanha não teria abdicado ao totalitarismo. Até os últimos meses da segunda guerra mundial (1939-1945) trabalhavam cientistas e engenheiros na Alemanha no desenvolvimento da *arma secreta*, anunciada por Hitler, mísseis de

---

<sup>7</sup> Paul Virílio (1977/1996) *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade; Virílio A Folha de São Paulo publicou no dia 25. de setembro de 2001 um artigo de P. Virílio, intitulado: *Um novo tipo de Hiroshima*.

médio alcance capazes de lançar ogivas convencionais até Londres, a chamada V2, já mostravam um desempenho tecnicamente satisfatório. As primeiras bombas atômicas explodiram sobre Hiroshima e Nagasaki e não sobre Londres e Nova York. A Europa Ocidental foi incorporada, ora protestando ora sentindo alívio, no modelo democrático da modernidade técnica. Ainda assim tinha que conviver por muito tempo com ditaduras como na Grécia, Espanha, Portugal e Iugoslávia e viveu até 1989, o ano da queda do muro, num confronto com a União Soviética de extrema periculosidade. Podemos assegurar sem nenhum pathos o seguinte. Sem a intervenção dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, as forças militares ocidentais teriam sido fracas demais para conter e em seguida vencer a Alemanha totalitária e, supomos, a pouca probabilidade que a Rússia teria conseguido praticamente sozinha derrotar a Alemanha, a Europa Ocidental não teria resistido por muito tempo sua pressão política e anexionista. Com uma palavra: graças aos Estados Unidos a Europa Ocidental foi salvo do perigo totalitário, uma vez na sua forma nacional-socialista e outra vez na sua forma comunista. As manifestações de Gerhard Schröder, chanceler da Alemanha e socialdemocrata, de Joschka Fischer, ministro das relações exteriores e membro dos verdes, e de Tony Blair, primeiro ministro da Grã-Bretanha e socialdemocrata, entre muitos outros, são somente entendíveis para um não-europeu se levamos em conta a experiência específica e muito dolorosa da própria Europa com o totalitarismo.

Apontar para as vantagens do modelo democrático da modernidade técnica, não significa apresentar este como se fosse a salvação ou tivesse defeito nenhum. Seria fácil apontar para os deslizamentos da política exterior dos Estados Unidos, que relativizam os seus méritos. E fazemos parte de uma geração que protestou nas ruas contra a guerra do Vietnã, que denunciou o apoio de ditaduras na América Latina, na Ásia etc. pelo governo americano. O nosso olhar é um olhar desiludido. Registramos com grande espanto que um dos resultados da retirada dos americanos do Vietnã, foi o avanço do Khmer Vermelho, uma guerrilha comunista, em Cambodja. Em poucos anos mataram estes insanos cerca de dois

milhões de pessoas. Alguém protestou? Na segunda metade dos anos setenta nós já estávamos cansados de guerras e massacres na Ásia e começamos a descobrir o ecologismo e o feminismo como novos movimentos sociais. Os dois milhões de mortos do Cambodja ficaram para a história.

Um olhar desiludido para a sociedade global, que é como é, mas podia também ser diferente, que não espera da política uma solução que ela seguramente não vai poder oferecer. Paradoxalmente é exatamente a esfera política contemporânea que mais demanda valor para sua orientação e consolidação caracterizada pelo vácuo valorativo ou pela presença de sentidos visados ou “construídos” que simplesmente não são universalizáveis ou se fossem, não teriam nenhum valor.

O viés destruidor de valores, inerente a ciência e a técnica moderna, foi denominado mais do que cem anos atrás por Nietzsche como niilismo europeu. E realmente é a diluição do fundamento dos valores o negócio do racionalismo europeu sem o qual a modernidade não seria técnica, não seria como ela de fato é. Muitos comentaristas apontaram para a “crise dos valores” como causa dos atentados em Nova York, Washington e Pensilvânia o que forneceu, sem que isso fosse sempre a intenção, uma legitimação indireta aos terroristas. Eles de repente podem aparecer como se fossem defensores dos valores perdidos, aparecem na imaginação da mediocridade globalizada como os últimos moicanos da verdade anticapitalista.

Aconteceu que o último moicano foi realmente o último e morreu, faz tempo. Os terroristas do 11 de setembro são tão modernos que assustaram até o governo americano. E logo se mostrou de fato que não eram os famintos de Moçambique que bombardearam o Pentágono para exigir pão e uma reforma agrária no seu país. Atrás dos atentados estão milionários frustrados, vinculados com o tráfico de ópio e heroína, adeptos de correntes decadentes do Islã que abandonaram o Al Corão como o IRA da Irlanda do Norte abandonou a bíblia. Nihilistas e decadentes produtos da própria modernidade que combatem o grande sistema com seus

próprios meios, com meios técnicos. Porque? Eles não nos dizem porque e pior ainda: nos temos a forte impressão que nem sabem porque. Alguns compararam o dia 11 de setembro com o dia do ataque dos japoneses ao Pearl Harbour, pode ser que o tamanho do susto tenha sido semelhante, pois falta a grandeza do ataque, falta o sentido militar do ataque (que era erradicar a potência naval dos americanos no pacífico numa ação de assalto). Sabemos que queriam ser vistos, por causa disso, avisaram com a batida na primeira torre a imprensa para filmar bem a batida na segunda torre. Comunicação televisiva moderna, técnica moderna, sim. Mas onde estão os valores? Muito pelo contrário registramos a ausência deles. O colapso do WTC faz desmoronar a armação da modernidade técnica com meios técnicos (e não discursivos) sem mostrar alternativas. Lógico que a reação da modernidade técnica ameaçada é técnica (se interpretarmos a inflação de bandeirinhas americanas como um gesto de uma sentimentalidade desesperada e não como fundador de valor) para ela apresenta-se o problema do terrorismo (técnico), como um problema de controle. E ela tenta e vai tentar ainda mais, controlar os elementos que complicam o seu funcionamento. Podemos até dizer; em vez de destruir ou questionar a modernidade técnica, o terrorismo acelera sua emergência. O terrorismo do dia 11 de setembro coloca o funcionamento do mundo técnico na pauta do dia mas não seu fundamento.

Parece que estes três conceitos marcam todo espectro do dilema do mundo de hoje: controle, consenso, valor. O mundo ocidental tenta reconquistar o controle sobre uma sociedade que se desregula cada vez com mais facilidade; nesta tentativa ela colide com seu próprio princípio fundante, que é a liberdade individual e a contingência de todos os procedimentos científicos e técnicos. O controle não pode admitir que algo podia ser diferente do que nos roteiros da segurança máxima. Pois o controle, na medida em que ele se torna basicamente um problema técnico muda seu caráter sociológico. Não é mais uma ideologia totalitária, como a ideologia soviética ou fascista, que deu seu sentido específico ao terror, fazer ele contribuir, nestas sociedades fechadas, para a coesão social. Também diluem-se na contemporaneidade as formas meramente e diretamente

sociais do controle, através dos olhares da vizinhança, dos hábitos comunitários enraizados ou qualquer tradição. O controle técnico necessita de um *input* que não é técnico.

Estão sendo mobilizados então meios discursivos para gerar consenso acerca das necessidades do controle. Processo que domina a política exterior dos Estados Unidos nas semanas depois do atentado. Ora o consenso, exatamente por causa da sua fundamentação comunicativa, depende de múltiplos fatores políticos, sociais, históricos, culturais, psicológicos e circunstanciais que apesar de ter que ser levados em consideração para gerar o controle dificultam enormemente o processo da sua implantação. Criar consenso sob pressão do agir governamental leva, mais cedo ou mais tarde, para a necessidade de reduzir a complexidade do processo comunicativo, eis aí o próximo passo, que resulta na divisão do mundo em aliados e adversários. “Quem não está conosco, está com os terroristas” resume, também para o leigo em razão comunicativa, a situação.

Ameaçava antigamente o coletivo, o sistema, o Estado ou, enfim a grande rede o indivíduo dissidente, estamos hoje frente de um fato novo. Sob as condições da modernidade técnica torna-se o indivíduo ou uma pequena rede capaz de detonar os riscos técnicos da sociedade moderna. Difícil viver em paz quando um bando de delinquentes quebra o consenso da sociedade de risco até então. Este consenso era: nos temos que reduzir os riscos ou até elimina-os. Os dissidentes da modernidade técnica, sejam eles serial killers, seitas japonesas, talebans, ou outros que ainda vão surgir, renunciaram deste consenso. Os terroristas de Nova York conduziram os aviões no seu poder na direção de um risco de extrema improbabilidade até então que era: se chocar contra uma edificação alta de um centro urbano. A sociedade de risco, este conceito de Ulrich Beck<sup>8</sup> ultrapassado e radicalizado pelos atentados do dia 11 de setembro, torna-se uma sociedade de extrema vulnerabilidade quando alguns decidem, em vez de evitar, evocar a

---

<sup>8</sup> Ulrich Beck (1985) *A sociedade de risco*. Frankfurt: Suhrkamp



catástrofe. Eis aí a mensagem de Nova York e não o número de mortos ou o fato de que foram os americanos alvos de violência desta vez<sup>9</sup>.

Pois mencionamos além do problema do *controle* e do *consenso*, o *valor* como conceito chave nesta época. O que quer dizer isto? A técnica é incapaz de gerar ou fundamentar valor. Se um possível consenso somente se refere ao funcionamento ou a segurança da técnica absorve esta qualquer manifestação não-técnica, ela funcionalizaria de certo sentido o consenso para seus fins próprios. Mas para complicar ainda mais, também o consenso não fundamenta o valor. O consenso pode ser simpático ou necessário (como atualmente é necessário um consenso anti-terror) mas o consenso não é capaz de apontar para os fundamentos do valor além da esfera da comunicação. O curioso problema que o mundo globalizado têm com os diversos fundamentalismos resulta dessa dificuldade. É curioso porque a modernidade técnica é a expressão mais radical de um mundo dessacralizado e racionalizado. De forma sintomática aponta o fundamentalismo, seja qual for a sua bandeira, para a necessidade do fundamento. Nos gritos histéricos dos fundamentalistas aparece o clamor pelo valor fundamentado. E de fato: o valor precisa de um fundamento para conseguir fornecer critérios de possíveis consensos.

Acontece que a modernidade técnica está tão longe do fundamento como nunca antes. Somente se aproximando as perguntas essenciais, somente integrando sua dinâmica técnica num universo maior do que aquele que aparece na experimentação científica ou nas construções e artefatos, poderíamos superar-nos para buscar uma saída. A contingência, que não é uma invenção humana, nos diz também que isso é possível.

---

<sup>9</sup> Colocação que têm que ser relativizada: cerca da metade dos mortos e desaparecidos de Nova York são estrangeiros. Se o atentado for antiamericano acertou, na verdade, o mundo globalizado.

## Bibliografia

Gehlen, Arnold (1986). *Der Mensch. Seine Natur und seine Stellung in der Welt.* [O Homem. Sua Natureza e sua Posição no Mundo.] Wiesbaden: Aula-Verlag; 1986, 12.ed.

Brüseke, Franz Josef (2001) *A Modernidade Técnica*; em: H.R. Leis et al (2001) *Modernidade crítica e Modernidade acrítica.* Florianópolis: Cidade Futura, p.159-178, (veja separata revisada)

Virílio, Paul (1977/1996) *Velocidade e Política.* São Paulo: Estação Liberdade

Virilio, Paul (2001) *Um novo tipo de Hiroshima.* Em: Folha Especial. Folha de São Paulo, 25.09.2001

Finkelkraut, Alain (2001) *Eine Wahnsinnstat, die auf ihre Ursachen zurückzuführen ein Skandal wäre. Wir sind Soldaten der Zivilisation.* Frankfurter Allgemeine, 27.09.2001, FAZNet

Castells (2001) *Guerra das Redes.* Associated Press. WWW; s.l.

Todenhöfer, Jürgen (2001) *Sie sind unbesiegbar. Als Deutscher unter Afghanischen Kriegern.* Frankfurter Allgemeine, 03.10.2001, FAZNet

Pethes, Nicolas (2001) *Mit der Maschine auf ich und ich. Denken mit Biosiegel: Der Mensch ist selbst eine Technikfolge.* Frankfurter Allgemeine. 29.09.2001; FAZNet

Schwägerl, Christian (2001) *Alles ist real. Ein Bericht der WHO: Drohen uns Anschläge mit Biowaffen?* Frankfurter Allgemeine; 26.09.2001, FAZNet

Dimenstein, Gilberto (2001) *As torres do World Trade Center no Brasil;* em Folha de São Paulo, 23.09.2001

Schluchter, Wolfgang (1980) *Die Rationalität der Weltbeherrschung.* Frankfurt: Suhrkamp

Arendt, Hannah. (1986) *Eichmann in Jerusalem.* München, Zürich: Piper